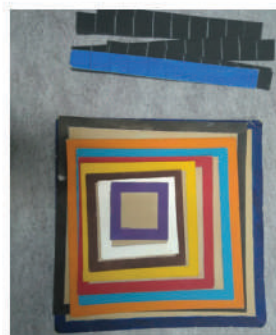




Elisabete Zardo Búrgio
Andréia Dalcin
Circe Mary Silva da Silva
Diogo Franco Rios
Luiz Henrique Ferraz Pereira
Maria Cecilia Bueno Fischer
(Orgs.)



Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)



OKOS
EDITORA

**Elisabete Zardo Búrigo
Andréia Dalcin
Circe Mary Silva da Silva
Diogo Franco Rios
Luiz Henrique Ferraz Pereira
Maria Cecília Bueno Fischer
(orgs.)**

Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)



São Leopoldo
2020

© Dos autores – 2020

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Geraldo Korndörfer

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luís H. Dreher (UFJF)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

S115 Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970). [e-book]. / Organizadores: Elisabete Zardo Búrigo [et al.] – São Leopoldo: Oikos, 2020.

176 p.; il. color.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-86578-00-3

1. Professor – Formação. 2. Matemática – Ensino. 3. Prática pedagógica. 4. Escola Normal – Normalistas – Memória. II. Búrigo, Elisabete Zardo. II. Dalcin, Andréia. III. Silva, Circe Mary Silva da. IV. Rios, Diogo Franco. V. Pereira, Luiz Henrique Ferraz. VI. Fischer, Maria Cecília Bueno.

CDU 371.13

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

ESCOLA NORMAL E NORMALISTAS: FOTOGRAFIAS, MEMÓRIAS E VESTÍGIOS

*Andréia Dalcin
Circe Mary Silva da Silva*

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de um narrador para desdobrar seus segredos. As fotografias são romances que se descrevem sobre elas, dentro delas, com elas (SAMAIN, 1998, p. 112).

Com o olhar de narrador, como aquele que conta histórias a partir de suas experiências, na perspectiva de Walter Benjamin¹, propomo-nos a produzir uma narrativa a partir da experiência do manuseio de um conjunto de fotografias que foram sendo selecionadas ao longo do Projeto *Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*. Nas fotografias que foram selecionadas para contar estas histórias há algo em comum; todas elas reportam ao mesmo lugar, qual seja, uma escola normal. Trazem indícios de fatos, circunstâncias e comportamentos que podem ser enriquecidos, explorados ou ressignificados por meio da leitura de fotografias. Neste sentido, compomos uma narrativa, que é um mosaico de ideias resultante do olhar sobre estas imagens e o que delas é possível extrair no diálogo com outros documentos históricos, gerando conjecturas e questões que, mesmo sem respostas, trazem à tona temáticas e problemáticas que nos ajudam a pensar a escola normal, suas interfaces com a sociedade e a cultura escolar que emerge, transforma e ressignifica suas práticas ao longo do tempo.

Importa dizer que situamos as fotografias como um tipo de documento histórico que informa “sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significado às representações e ao imaginário social” (BORGES, 2005, p. 73). As fotografias, segundo Burke (2004), são “registros de testemunho ocular” e nos permitem ‘imaginar’ o passado de

¹ Referimo-nos ao texto “O narrador”, de Walter Benjamin (1985).

forma mais vívida (p. 17), e ainda “podem ser consideradas ambas as coisas, evidências da história e história” (p. 28).

As fotografias foram sendo a nós apresentadas por entrevistadas/os que colaboraram com as pesquisas vinculadas ao Projeto *Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*. Outras fotografias foram localizadas nos arquivos do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB) de Pelotas e do Instituto Ivoti, herdeiro da Escola Normal Evangélica (ENE), que integraram o referido projeto. Algumas foram localizadas no acervo da Associação dos Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (IEGFC) ou, ainda, foram encontradas em exemplares da Revista do Ensino², ou em outras fontes que foram devidamente citadas pelos autores e pesquisadores. Em todos os casos, são imagens que foram selecionadas por seu potencial analítico, visual ou estético. Por causarem no observador estranhamento, inquietação, reforçam ou revelam uma informação que pode levar a outra e mais outra, gerando uma rede de informações que conduz a diferentes possíveis conjecturas. A potência está muito mais no que é possível narrar, dar a ver, por meio de sua leitura, do que na imagem em si, no obviamente visível.

A fotografia da Figura 1, por exemplo, nos chama atenção por sua beleza enigmática, seu valor simbólico, pelo que podemos perguntar ao olharmos para esta fotografia, localizada em um dos álbuns do acervo da Associação dos Ex-alunos do IEGFC. Na cena temos quatro normalistas, identificadas na legenda, que parecem passear em uma tarde primaveril pela cidade de Porto Alegre. Com uniformes elegantes de normalistas e livros/cadernos nas mãos, ensaiam poses de leitura, mesmo caminhando, como é possível perceber pela captura da cena das pernas em movimento. Para onde vão? Estão saindo ou indo em direção ao IEGFC? Qual a intenção ao simularem gestos de leitura? Isso porque ler, nas circunstâncias da cena, é improvável, pois estão andando. Muito próximas, de braços dados, um sinal de cumplicidade, olham-se e olham os livros/ cadernos, cabeças baixas, leves sorrisos. Quem é o fotógrafo? Alguém de fora ou outra amiga,

² A Revista do Ensino foi um periódico pedagógico produzido no Rio Grande do Sul e que teve importante circulação e legitimidade entre os professores. A Revista teve o seu primeiro exemplar publicado em 1939, dando, assim, origem à primeira fase de circulação da revista, que se estendeu até 1942. Entre 1942 e 1950 a revista teve um período de inércia, voltando a ser publicada de 1951 a 1978.

que tira a fotografia e que integra o grupo? Trata-se, provavelmente, de um amador/a, pois permite que na cena apareça um transeunte apressado.

Figura 1 – Primavera em Porto Alegre em 1950



Primavera de 1950 e Lygia Lagos Neves, Laís Almeida, Luay Moura Rybu e Sara Ferrari Cerchiaro

Fonte: Acervo da Associação dos Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha.

Ao fundo, parte de uma construção, talvez uma escola, um carro e árvores que ocupam vários espaços da paisagem, em especial a maior que, mesmo provavelmente sem a intenção do fotógrafo, torna-se ponto de fuga e direciona o olhar do observador da imagem. Esta e as outras fotografias selecionadas para este texto podem desencadear inúmeras narrativas, pois cada pessoa retratada tem uma história que se relaciona com a instituição e com outras pessoas fotografadas.

Não foi possível identificar os fotógrafos, autores destas imagens, responsáveis pelas escolhas feitas no ato de fotografar estas e não outras cenas. Fotógrafos cuja intencionalidade não fica explícita, mas oscila entre a ação profissional ou amadora de atender a uma solicitação da instituição de produzir o registro de um evento (formatura, desfile...) ou a ação de simplesmen-

te registrar um fato, em um momento em que a possibilidade de fotografar começa a ganhar mais adeptos devido às câmeras portáteis. O que temos como ponto de partida é o produto, a fotografia, e o que ela pode nos “dizer” sobre as escolas normais e as/os normalistas, no contexto da cultura escolar.

A demarcação do tempo das fotografias situa-se entre as décadas de 1940 a 1970. Não há o propósito de analisar um período ou fato específico; o foco é o lugar e os movimentos que nele se percebem com o passar do tempo. Podemos dizer que tomamos como referência o período posterior ao Decreto-Lei n. 7.750 de 1943, que determinou que as Escolas Complementares passassem a se denominar Escolas Normais, aderindo à estrutura e ao funcionamento previstos na legislação. Neste sentido, selecionamos fotos dos anos de 1940 ao início dos anos 1970, momento em que os Cursos Normais são reorganizados como Curso de Magistério³. Nosso olhar direciona-se, principalmente, para esse personagem, a/o normalista, sua identidade e relações, os lugares que ocupa na escola e na sociedade gaúcha e as representações que dele se tem por meio das fotografias, agora, objeto de análise, melhor dizendo de leitura, que deixam ver práticas que o constituem e das quais hoje temos reminiscências.

As fotografias podem nos auxiliar a pensar, compreender e conhecer aspectos sobre o ser e estar normalista em diferentes momentos e cenários. O exercício de olhar, que nos propomos neste texto, ensaia uma leitura de e sobre as práticas que forjaram as/os jovens normalistas em três instituições do Rio Grande do Sul: Instituto de Educação General Flores da Cunha (IEGFC) de Porto Alegre, Instituto de Educação Assis Brasil (IEAB) de Pelotas e Escola Normal Evangélica (ENE), que funcionou durante a década de 1950 e parte da de 1960 em São Leopoldo e depois mudou-se para Ivoti, que foram objeto de estudo do Projeto *Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*.

É importante enfatizar que, neste exercício de leitura das fotografias, os saberes matemáticos *a* ensinar ou *a* aprender se conectam a um conjunto de saberes e práticas mais amplo que constitui cada normalista de modo particular. Cada normalista é afetada/o por saberes a aprender e ensinar de forma única, e tais saberes vão sendo modificados, ampliados, reconfigurados ou simplesmente esquecidos, de acordo com as experiências e os mo-

³ No contexto de implementação da Lei n. 5.692/71, que instituiu a profissionalização obrigatória nos cursos de segundo grau.

dos como cada uma/um se apropriou ou não destes saberes. Neste sentido, buscamos não os saberes, mas indícios de suas manifestações nas práticas do cotidiano, seja ele rotineiro ou não, no interior da escola.

As/os normalistas se permitiram fotografar à sua época, e vários conservaram em seus guardados estas fotografias, de modo que temos, hoje, acesso a alguns destes registros, que nos possibilitam “ver” e conjecturar sobre situações e contextos, sobre *táticas e estratégias* que foram sendo forjadas no interior das escolas normais e que nos possibilitam ter indícios do cotidiano vivido. Isto porque o cotidiano ao qual nos referimos se relaciona aos modos de fazer, às *práticas*, na perspectiva de Certeau (1994). Neste sentido, a organização da vida em uma escola normal se dá por meio, também, dos registros sobre os “comportamentos”, cujo sistema se torna visível no espaço social da escola, e que se traduz por meio dos gestos, das vestimentas, dos rituais, dos modos de habitar os espaços públicos. Para Certeau e outros (1996), “‘Prático’ vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritos no ambiente” (p. 40). Em síntese, é pelas práticas que é possível identificar uma identidade.

Como nos coloca Mayol (1996), o uso da palavra “comportamento” significa “indicar que o corpo é o suporte primeiro, fundamental, da mensagem social proferida, mesmo sem o saber, pelo usuário” (p. 48). Nesse sentido, ao olharmos para as fotografias, verificamos a existência ou inexistência de corpos, considerando sua cor, gênero, etnia e manifestações. Buscamos por gestos como o sorrir ou não sorrir, estar em posição de sentido durante um desfile ou não, pousar de forma descontraída ou ereta, gestos que podem constituir-se em táticas que “fazem legíveis – o respeito aos códigos ou ao contrário o desvio com relação ao sistema dos comportamentos” (MAYOL, 1996, p. 48).

Em meio aos registros fotográficos podemos identificar alguns elementos próprios de práticas matemáticas, como o manuseio de materiais no Laboratório de Matemática do IEGFC, ou de indícios de como as aulas de Didática da Matemática se davam em termos de dinâmica e organização dos corpos de alunas/os e professoras/es no espaço, as relações implícitas e os afetos, ao analisar a fotografia de uma turma de alunas com sua paraninfa, professora de Didática da Matemática. No entanto, como dito antes, estas práticas estão conectadas, imbricadas, e não é nosso desejo vê-las de outra forma.

Para efeito de organização do texto, organizamos a narrativa em dois momentos, *Escola normal como lugar predominantemente feminino* e *Espaços e tempos da Escola normal e a cultura escolar*.

Escola normal como lugar predominantemente feminino

A predominância de mulheres no magistério no ensino primário é algo já comprovado pelos estudos realizados por Tambara (1998), Louro (2004) e Werle (1996). É importante dizer que se trata de um movimento que foi acontecendo devido a vários fatores apontados por Tambara (1998), sendo a criação da Escola Normal um deles. Para este autor, a

feminização do magistério de instrução primária no Rio Grande do Sul intensificou-se com a instalação da escola normal quando se iniciou o processo de profissionalização da atividade de magistério e, concomitantemente, um processo de reserva de mercado desta atividade para a mulher. Este fenômeno ocorreu, principalmente, no magistério do ensino primário, uma vez que tanto no secundário como no nível superior a predominância masculina manteve-se por longo tempo (p. 39).

Guacira Louro lembra que a Escola Normal de Porto Alegre (primeira denominação do IEGFC, em 1869) deveria preparar professores de ambos os sexos para a instrução pública. No entanto, desde o início, a procura maior foi por parte das mulheres, e esta tendência que aparecia desde o início “era apenas uma concretização da ideia de que o magistério das primeiras letras deveria ficar preferentemente em mãos femininas, por ser um prolongamento das funções maternas” (LOURO, 1986, p. 48).

Parece-nos que esta tendência também se manteve nas demais escolas normais do estado adentrando o século XX; no entanto, é bom dizer, que a presença também de rapazes cursando o Curso Normal é evidenciada, sendo o caso, por exemplo, da ENE. Nos anos iniciais de criação, até 1939, quando foi fechado o Seminário Evangélico Alemão de Formação de Professores do qual a ENE é herdeira, a maioria absoluta dos alunos era do sexo masculino. Até a década de 1970, vê-se que grande parte do corpo discente não era do sexo feminino.

Chamamos atenção para o fato de que muitas vezes se ouve o discurso de que “somente” moças frequentavam as escolas normais e ainda o fazem. Embora seja inegável que as escolas normais se constituíram como espaços ocupados por alunas e professoras mulheres, a presença de homens

também é perceptível e, neste sentido, as fotografias podem nos dar uma dimensão desta proporcionalidade. A Figura 2, por exemplo, evidencia a predominância dos rapazes na ENE.

Figura 2 – Hermedo Wagner e alunos do 3º ano da Escola Normal Evangélica em Ivoti, 1967



Fonte: Acervo Pessoal de Hermedo Wagner.

Os vinte e um alunos que aparecem na fotografia mostram que a maioria era do sexo masculino. Não estão uniformizados, pode ser que a fotografia tenha sido feita em dia não letivo, mas a pose descontraída acompanhada de alguns sorrisos pode indicar uma boa relação entre professor e alunos. Não há aluno negro nessa foto. Tradicionalmente, o Seminário Alemão Evangélico, que funcionou de 1909 a 1939, e foi antecessor da ENE, só admitia alunos evangélicos, alemães ou descendentes de alemães. Isso pode explicar a ausência de alunos negros.

Também as fotografias das Figuras 3 e 4, ambas da década de 1950, evidenciam a presença, em menor escala, de rapazes nas escolas normais.

Figura 3 – Primeira turma a concluir o curso normal em 1953, após a reabertura da Escola Normal Evangélica



Fonte: Acervo pessoal de Hermedo Wagner.

Figura 4 – Turma de Formandos de 1954 – IEAB



Fonte: Acervo do IEAB.

Na fotografia da Figura 3, localizamos o então formando normalista Hermedo Wagner, que nos forneceu a fotografia de formatura da turma de 1953 da ENE, em pé, o quinto da direita para a esquerda. Foram identificados por Hermedo Wagner, sentados da esquerda para a direita: Silvia Suffrian, Irmgard Leistner, Helmuth Koppikte (professor de matemática), Hans Günter (diretor), Edith Winkel, Brunilde Werkheuser. Em pé, na mesma ordenação: não identificada, Werner Käser, Edemar Treter, Werno Schuck, Hermedo Wagner, Lilly Schewe. Na posição central da imagem estão dois personagens importantes na hierarquia escolar: o diretor e um professor da turma. O diretor era a figura mais importante nos cursos de formação de professores, segundo o modelo alemão, pois ele era o responsável pela formação pedagógica do curso. Os professores ocupam um lugar bem determinado à frente, no centro da fotografia. Todos os alunos estão uniformizados, os professores usam ternos claros e não sorriem, como uma demonstração de seriedade, que talvez o momento exigisse. A escola normal formava à época professores para atuarem nas escolas rurais, e esse cargo, seguindo a tradição alemã, poderia ser ocupado tanto por moças quanto por rapazes.

Na fotografia da Figura 4, em posição de destaque, temos uma mulher, a professora paraninfa, e um professor ao fundo, próximo dos cinco rapazes, que com as 39 moças constituem a turma de formandos de 1954 da IEAB. Fotografias de formandos em escadas são frequentes, uma estratégia para garantir que todos possam ser vistos e lembrados.

Sobre o IEGFC, não localizamos até o momento fotografias de normalistas que registrem a presença de rapazes, o que não significa que não tenham frequentado o Curso Normal ao longo do período considerado neste texto.

A presença desses rapazes nos gera questionamentos. O que os leva a optarem por um curso que era predominantemente ocupado por moças? Não sabemos a resposta, mas também nos chama atenção o fato de que, apesar das imposições culturais, dos regimentos e tentativas de impor identidades, condutas e modos de ser para homens e mulheres, estes as subvertem na medida em que compartilham espaços e convivem rotineiramente, seja com o intuito de se tornarem professores e professoras ou apenas ampliar a escolaridade. Nesta perspectiva, a presença de rapazes, principalmente na ENE, nos faz pensar sobre não haver um único modelo que oriente as escolas normais gaúchas.

Observa-se que nas posições de destaque, em especial os paraninfos, há alternâncias entre homens e mulheres. Entre os paraninfos, identificamos alguns políticos de destaque, a exemplo do então Governador Leonel de Moura Brizola na turma de 1961, o que denota preocupação de normalistas e equipe diretiva e pedagógica da escola por manter uma relação próxima com o poder local institucionalizado. A fotografia da Figura 5 registrou o momento do convite ao governador Leonel de Moura Brizola. Estão na fotografia as alunas Bela Lederman, Marlou Zanella e Marisa Velasques de Souza, acompanhadas pela professora Cyra Reif.

Figura 5 – Convite a Leonel Brizola para ser paraninfo



Fonte: Acervo Associação Ex-alunos do IEGFC.

Como ministrantes das disciplinas do Curso Normal, no entanto, predominam as mulheres, ao que Louro (1986) chama atenção, pois embora a educação para as mulheres fosse marcada por seus “programas adequados ao que se convencionou chamar de ‘natureza feminina’, ou melhor, programas imbuídos do ideal à submissão” (p.43), ela era ministrada por professoras (mulheres e profissionais), que representavam, de certo modo, uma vanguarda “por trabalharem fora do lar em época que poucas o faziam. Daí, elas também poderiam, pela própria atuação, pôr em contradição a mensagem que divulgavam” (p. 46).

Sendo assim,

se a escola nunca foi neutra é porque também não o foram seus mestres. E parece-nos uma ideia simplista imaginar que todos os professores tenham sido sempre dóceis; houve antes, como hoje, professores progressistas, não identificados com o sistema oficial, no qual todavia trabalhavam (LOURO, 1986, p. 5).

Nesse contexto contraditório de autoridade e referência, identificamos duas fotografias cedidas para o trabalho de Bonfada (2017) pela normalista e depoente Sandra Maria Moussalle Grissolia, que nos chamaram atenção, pois a paraninfa da turma do Curso Normal do IEGFC de 1968 foi a professora de Didática da Matemática e uma das orientadoras de estágio, Liba Juta Knijnik. A primeira fotografia é de uma confraternização na casa da professora e a segunda o dia da formatura. Tal escolha nos faz pensar sobre a relação que as normalistas tinham com o estudo da matemática e a relevância da professora Liba na escola.

Figura 6 – Liba Juta Knijnik, paraninfa da turma de 1968 do Instituto de Educação General Flores da Cunha



Fonte: Bonfada (2017).

A professora Liba, em entrevista a Rheinheimer (2018), enfatizou: “Nós tínhamos muito orgulho de sermos alunas ou professoras do Instituto de Educação, pois a instituição era reconhecida por formar professores qualificados no Rio Grande do Sul” (p. 170). Liba, de origem polonesa, narra

que ingressou em 1935 no Curso de Formação de Professores Primários no IEGFC, com duração de três anos, através do exame de admissão. Na época, não entendia o português claramente; por isso, seus pais contrataram uma professora particular, tendo em vista a preparação para o exame de admissão. A professora elaborou com Liba uma composição, algo próximo a “como gosto do Brasil” e na prova havia uma composição para realizar com o tema “como gostas do teu país” (RHEINHEIMER, 2018, p. 157). Esta fala da normalista e professora nos traz alguns elementos interessantes sobre a presença e aceitação de estrangeiros na escola e o processo de enculturação ao Brasil; a trajetória de algumas professoras que iniciaram como alunas e permaneceram como professoras na instituição. A professora Liba, assim como outras professoras de Didática da Matemática, teve intensa atuação na formação das/dos normalistas; seus posicionamentos, dedicação e lideranças são rememorados nas falas das normalistas do IEGFC.

As normalistas e professoras negras

Um olhar atento sobre as fotografias nos revelou a presença de normalistas negras nas instituições estudadas. Em especial, o quadro com o fotografia de Eva Moura Carapina, provavelmente a primeira aluna negra a se formar na Escola Normal Assis Brasil, ocupa posição de destaque na sala da direção da instituição, hoje Instituto Estadual de Educação Assis Brasil.

Figura 7 – Primeira aluna negra na Escola Normal Assis Brasil



Na Figura 7, observamos o fundo montado com a imagem da aluna, um modelo muito usado pelos fotógrafos para retratar os/as estudantes. A aluna uniformizada, com semblante sério, posa para o fotógrafo em meio a mapas, o globo terrestre, livro e caneta na mão, objetos da cultura material escolar. Ela não parece tão jovem. Pesquisas sobre essa normalista revelam que ingressou na Escola Complementar Assis Brasil com vinte anos de idade, por interferência direta do bispo de Pelotas, e foi a primeira aluna negra a concluir os estudos em 1943; era filha de um pedreiro, e sua mãe chegou a ser trabalhadora escravizada no Uruguai antes de vir para o Brasil (SOARES, 2007).

No Instituto de Educação General Flores da Cunha, também identificamos algumas normalistas negras em diferentes fotografias e turmas, como é o caso da fotografia da Figura 8, produzida em junho de 1952.

Figura 8 – Normalistas negras



Fonte: Acervo da Associação dos Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha.

Embora na parte inferior estejam identificados os nomes das normalistas – Hilda Lobo, Maria Ines Kops, Ione Medeiros, Ivone Filomena, Sara Ficerchiaro, Dirce Pires Zalewski, Julieta Moura, Maria de Lourdes Pereira, Herminia Machado – que posam na fotografia, não é possível associar os nomes às estudantes. Mas observa-se que uma das duas normalistas negras ocupa um lugar interessante, pois está no centro da imagem, o que direciona o olhar do observador. O sorriso, alegria e cumplicidade se revelam, embora não se abandone a preocupação em manter uma pose, o que pode ser observado pela padronização dos braços e postura ereta. Ao fundo, vê-se parte do busto do professor Alfredo Clemente Pinto; supomos que a cabeça cortada na fotografia evidencia que não haveria assim tanta preocupação com a presença do monumento na cena e com o que ele poderia representar; o mais importante era registrar a cumplicidade das colegas. Localizamos outras fotografias com a presença de monumentos, o que nos faz pensar sobre as escolhas passadas que definem o que fica materializado com a pretensão de integrar a memória coletiva. O busto do professor Clemente Pinto aparece em várias destas fotografias, porém, a escolha de que o monumento integre ou não a cena fotografada é do fotógrafo.

A menção a uma professora negra no IEGFL também é feita na entrevista de Esther Pillar Grossi para a dissertação de Silva (2019), na qual relata que a professora Helenita de Souza Rodrigues, que atuou no do Curso de Didática da Matemática Moderna (1966-1972), era negra. Infelizmente, não localizamos fotografias da professora, mas devido a uma notícia publicada na página 3 do Diário de Notícias de 8 junho de 1969, mencionada na dissertação de Heidt (2019), sabemos que a professora Helenita coordenou o Laboratório de Matemática do Instituto de Educação General Flores da Cunha em 1969, provavelmente sucedendo a professora Odila Barros Xavier por ocasião de sua aposentadoria, e ministrou cursos de Matemática Moderna, que foram divulgados no referido jornal. Neste sentido, a professora, parece-nos, teve uma posição de destaque na escola e no processo de divulgação da Matemática Moderna no Rio Grande do Sul.

A presença de alunas e professoras negras em escolas normais não era recorrente; neste sentido, é importante que se enfatize a presença de tais mulheres, suas histórias e memórias, em uma época em que o acesso

à escola pelas mulheres, principalmente negras, era restrito, e que os documentos escritos deixaram poucos registros, o que denota uma das contribuições que as fotografias podem trazer para o campo da pesquisa em História da Educação e da Educação Matemática.

Rapazes e moças, brancas/os ou negras/os, conviviam e circulavam diariamente pelas escolas normais e em meio a diferentes atividades, sendo algumas vezes retratados. Estas cenas evidenciam elementos da rotina e das práticas cotidianas destes estudantes e seus professores/as.

Localizamos várias fotografias que registram a circulação de jovens no IEGFC. Parece-nos que se optava por tirá-las nas monumentais escadarias da entrada da escola ou em frente aos monumentos, ou seja, locais identificáveis, que integravam a cultura escolar da época, sendo que na maioria das vezes as pessoas estão sentadas. Mas também há fotografias em que as alunas estão em movimento, praticando esportes, participando de desfiles e passeios.

Práticas desportivas

As imagens das normalistas jogando vôlei, nas figuras 9 e 10, podem ser evidências da preocupação em deixar o registro, por meio das fotografias, da presença de práticas higienistas e de prevenção de doenças, materializadas na ginástica e nos esportes, presentes desde a virada do século, e que foram ganhando ao longo do século XX novos contornos com o avanço das ideias escolanovistas e, posteriormente, tecnicistas. É importante ressaltar que as práticas desportivas foram reforçadas durante os períodos de regime ditatorial, estreitando-se os vínculos entre o esporte e o nacionalismo. Neste sentido, adentramos os anos 1960 e 1970 com a presença das práticas desportivas, por meio da disciplina de Educação Física, nas escolas normais, evidenciando-se uma crescente valorização da competitividade esportiva, pois, como nos coloca Castellani Filho (2013), acreditava-se que jovens enquadrados nas regras esportivas e bem treinados poderiam ser desviados das aspirações políticas.

Figura 9 – Normalistas do IEGFC jogando vôlei, 1959



Fonte: Acervo pessoal de Sandra Maria Moussale Grissolia (reproduzida por Bonfada [2017]).

Figura 10 – Normalistas do IEAB jogando vôlei, 19?



Fonte: Acervo do IEEAB.

Encontramos registros de torneios de vôlei entre as escolas normais; exemplo é o torneio que ocorreu no dia 25 de junho de 1970, na Escola Normal Assis Brasil, como uma atividade comemorativa do aniversário da escola, noticiado pelo Diário Popular em 18 de junho de 1970 (TEIXEIRA, 2018). Não se sabe se a fotografia da Figura 10 foi tirada nesse dia; de qualquer modo, é interessante perceber a quantidade de pessoas que assistem à partida e parecem torcer. O aumento da competitividade e a participação em torneios podem ter influenciado a mudança dos uniformes, que de vestidos, como na Figura 10, passaram a ser shorts, o que facilita os movimentos e a agilidade no jogo. Por outro lado, uniformes curtos mostram as pernas torneadas das jovens normalistas, e nos fazem pensar sobre as reações que teriam ocorrido a favor ou contra tais trajes. Analisando os uniformes utilizados nas práticas esportivas, observamos que oscilaram entre mais ou menos curtos entre as décadas de 1940 e 1970; o mesmo com relação às saias, curtas ou compridas, que compõem o uniforme das normalistas, atribuindo-lhes uma identidade, uniforme mencionado inclusive nos versos de música de Nelson Gonçalves em 1950.

Normalista

Vestida de azul e branco

Trazendo um sorriso franco

No rostinho encantador

Minha linda normalista

Rapidamente conquista

Meu coração sem amor

Desfiles patrióticos

O espírito nacionalista permeia as escolas normais desde suas origens; no entanto, é nos períodos de ditadura que se verifica uma maior exaltação dos símbolos pátrios e de práticas como os desfiles escolares. As escolas normais participam dos desfiles patrióticos e exibem suas conquistas desportivas, desfilam com troféus (Figura 12), com quadros de presidentes e bandeiras. Novamente os uniformes identificam as normalistas e lhes garantem destaque.

Figura 11 – Desfile de normalistas – 194?



Fonte: Acervo do IEEAB.

Figura 12 – Desfiles de normalistas, 1971



Fonte: Acervo do IEEAB.

Figura 13 – Desfile de normalistas, 1960



Fonte: Acervo da Associação dos Ex-alunos do IEGFC.

O retrato de Getúlio Vargas no desfile da Figura 11, da década de 1940, contrasta com o detalhe da faixa pendurada em um prédio da Figura 13, e que, devido ao ângulo com que a fotografia foi tirada, ganha destaque no desfile de 1960. Com o auxílio de uma lupa, é possível ler, na faixa, “Para vereador Carlos I Presser” e a sigla do PDC, Partido Democrata Cristão, criado como oposição a Getúlio Vargas em 1945 e que elege, em 1960, ano do desfile, o prefeito de Porto Alegre, Loureiro da Rocha. O fato de uma faixa indicando uma eleição próxima estar exposta com destaque na rua em que acontece o desfile patriótico nos chama a atenção, pois o desfile torna-se palco não mais de predominância do poder local, mas de disputas por esse poder.

O país mudou ao longo dos anos de 1940 a 1970, alternou períodos de autoritarismo e democracia, e os desfiles permaneceram, adequando-se. São várias as fotografias de desfiles que foram localizadas, o que nos dá a entender que tanto os desfiles como fotografá-los era algo valorizado pelas escolas normais. Assim como Bencosta (2006), pudemos perceber nas fotografias dos desfiles patrióticos o envolvimento e o entusiasmo que as esco-

las normais mantiveram com as práticas cívicas em determinados momentos da história do país.

Passeios e excursões

A nossa turma foi a primeira a viajar, em 1945. Fomos de navio ao Rio de Janeiro. Recém havia terminado a guerra, o navio ainda era camuflado. O secretário Coelho de Souza conseguiu passagens de navio para a viagem. As lâmpadas eram fracas e as claraboias eram opacas. Saímos daqui, fomos a Rio Grande, depois a Santos e por fim ao Rio de Janeiro. Fomos acompanhadas da professora Odila Barros Xavier e o marido. Ficamos em um hotel vis a vis com o famoso forte de Copacabana. Estávamos no Rio de Janeiro quando Getúlio Vargas foi deposto; os militares saíram do forte e foram ao Palácio do Catete. O Rio de Janeiro ficou um caos, vimos a revolta da população, pela deposição do Presidente Vargas. A professora Odila Barros Xavier orientou as alunas a ficarem dentro do hotel; algumas alunas estavam nervosas, mas dentro do hotel não havia problema. Chegamos a passear no Rio de Janeiro, antes do ocorrido, visitamos escolas, fomos ao Ministério da Educação, passeamos pela cidade, etc. (Relato da ex-aluna Leida Müzell Brutschin, em 19 de agosto de 2017, apud RHEINHEIMER, 2018)

Não localizamos fotografias sobre o passeio das normalistas da turma de 1945 do IEGFC, mas localizamos várias fotografias de outros passeios realizados ao longo dos anos 1940, 50, 60 e 70. Parece-nos que essa foi uma prática importante que acontecia nas escolas normais e que tinha mais de um significado. Para além do passeio, do sair da escola e conhecer outro lugar, com seus costumes e práticas culturais, as viagens aconteciam principalmente para o Rio de Janeiro, capital do país até 1960, e buscavam manter uma aproximação entre a escola e o governo federal. A viagem de 1945, por exemplo, foi noticiada na edição de 26 de outubro de 1945 do *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*. Na notícia, enfatiza-se que a turma de normalistas, acompanhada pela professora Odila Barros Xavier, esteve no gabinete do Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e foi apresentada ao professor Lourenço Filho, diretor Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Ser a professora Odila, professora da área da Matemática, a responsável pela turma, novamente nos faz pensar sobre as relações entre normalistas e professoras de matemática que são paraninfas, acompanham as formandas em passeios e criam espaços diferenciados de ensino e aprendizado de matemática, como veremos adiante.

Pelo que foi possível perceber, a prática dos passeios, embora nos pareça ter diminuído com o passar do tempo, ainda permaneceu ao longo

dos anos 1970, e manteve-se a prioridade por visitar as capitais, a exemplo da fotografia da Figura 14, que mostra uma excursão de normalistas da ENE para a capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Figura 14 – Excursão de normalistas a Porto Alegre – Praça da Matriz, 1977



Fonte: Acervo do professor Hermedo Wagner.

Dois professores acompanharam os normalistas na excursão. A fotografia colorida mostra que os rapazes ainda procuravam uma formação de magistério, seguindo a tradição alemã. Não se constata a presença de normalistas negras ou negros. Poses mais despojadas, o não uso de uniformes, denotam que estamos em um outro momento, um tempo em que o Curso Normal passa a ser Curso de Magistério, a partir da Lei n. 5.692 de 1971.

Espaços e tempos da escola normal e a cultura escolar

Um dos principais elementos constitutivos da cultura escolar de uma determinada instituição educativa é a distribuição e o uso dos espaços escolares. As fotografias podem nos auxiliar a conhecer e compreender os usos destes espaços, pois constituem-se em vestígios que atravessam o tempo.

Segundo Escolano Benito (1998), “a arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância” (p. 26). Neste sentido, os espaços escolares estão entrelaçados com discursos políticos, econômicos, pedagógicos, religiosos, morais e médicos, dentre outros.

As escolas normais, segundo Louro (2004),

buscam, desde sua fachada, frequentemente solene, indicar a todas as pessoas que por ali passam que são distintas dos demais prédios, que tem um objetivo especial. Seu espaço interno tem também uma organização plena de significados: seus corredores e salas, a capela ou o crucifixo, as bandeiras ou os retratos de autoridades, os quadros de formatura ou os bustos das ‘personalidades ilustres’ estão afirmando ou ocultando saberes, apontando valores e ‘exemplos’, sugerindo destinos (p. 255).

Neste sentido, também a arquitetura escolar, assim como o programa de conteúdos a serem ensinados, o uniforme, os discursos sobre a mulher, tudo o que há neste espaço da escola normal, é destinado a constituir, principalmente, meninas/mulheres como professoras. Mais do que espaço, a escola normal é também um espaço-lugar, pois por esse espaço transitam pessoas e nele se permanece por um certo período do dia, durante semanas, meses ou anos. Sendo assim, “a constituição do espaço como lugar, esse ‘salto qualitativo’ que implica o passo do espaço ao lugar, é o resultado de sua ocupação e utilização pelo ser humano. O espaço se projeta, se vê ou se imagina, o lugar se constrói” (VIÑAO FRAGO, 2005, p. 17).

Os três prédios das escolas em questão suscitam elementos de análise interessantes que podem ser explorados por meio da leitura de fotografias.

A fotografia da fachada do IEGFC (Figura 15) explora a exuberância do prédio inaugurado em 1937⁴. O prédio foi tombado pelo município de Porto Alegre em 1997 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) em 2006. O ângulo com que esta fotografia foi tirada amplia ainda mais a sensação de grandiosidade do prédio e das colunas jônicas de nove metros de altura, que demarcam a entrada principal. Se

⁴ Por ocasião da inauguração do prédio, a escola recebeu a denominação de Escola Normal General Flores da Cunha, e em 1939, pelo Decreto 755-A, passou a se chamar Instituto de Educação General Flores da Cunha.

essa sensação é proposital não o sabemos, mas seu efeito é interessante de ser observado e permite ver que por ali circulam crianças e jovens; pelos uniformes identificamos alunos e alunas. Pessoas que transitam e habitam este espaço-lugar. Há carros estacionados em frente à escola, uma cena não comum nas fotografias localizadas, o que pode indicar alguma atividade festiva acontecendo.

Figura 15 – O Instituto de Educação General Flores da Cunha nas décadas de 1960/70



Fonte: Acervo da Biblioteca do IBGE⁵.

O prédio da Escola Complementar Assis Brasil, de Pelotas, inaugurado em 1942, pode ser observado na Figura 16. Segundo Amaral e Silva (2007), a escola progredia no tempo e no espaço, sendo o “prédio construído especialmente para esse fim, contando com dependências e tipos de salas de aula de acordo com as últimas exigências da moderna pedagogia da época” (AMARAL; SILVA, 2007, p. 13). O prédio ocupa uma esquina e pode ser considerado um exemplo de arte decô, devido a algumas características marcantes:

⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/rs40940.jpg>>.

platibanda cega com formas retas, cobertura com telha cerâmica, marcação horizontal acima das esquadrias, valorização da esquina, volumes geométricos e pouca ornamentação. O jogo de alturas nos seus volumes retos é interrompido por um volume circular, o equilíbrio das janelas é interrompido por formas circulares, as quais apresentam referência náutica (SILVEIRA, 2012, p. 158).

A entrada, um espaço semicircular, nos chama atenção, por ser uma das características da arte decô. Os três andares da escola são ocupados por salas de aula, museu, auditório, sala de ciências, banheiros masculinos e femininos, vestiário e terraços (AMARAL; AMARAL, 2007, p. 13).

Figura 16 – Prédio da Escola Complementar Assis Brasil, em Pelotas



Fonte: Acervo do IEEAB.

Já o prédio da ENE⁶ diferencia-se dos demais pela sua localização geográfica. A vista aérea mostra as instalações da instituição (Figura 17), em Ivoti, inaugurada em 29 de outubro de 1967. A fotografia revela indícios

⁶ A ENE, instituição de iniciativa privada, contou para a construção do complexo de prédios com diversos auxílios: da comunidade evangélica de Ivoti, que doou 10 hectares de terra para construir os prédios, do governo estadual, da igreja evangélica da Alemanha e Suíça, da comunidade de Ivoti em geral (depoimento de Hermedo Wagner).

de uma concepção de cultura, espaço e arquitetura escolar destinados a ocuparem lugar de destaque no modesto município de Ivoti, emancipado poucos anos antes. O poder simbólico desta imagem não deixa dúvidas – a educação, para as comunidades de origem e identidade germânica, tinha papel social relevante. O arrojado projeto arquitetônico mostra que os pavilhões que compõem a escola foram localizados ao lado do templo evangélico e estavam assim destinados: “um pavilhão para o internato de rapazes à frente; um pavilhão central com as salas de aula, moderno auditório, secretaria, biblioteca, sala de geografia e outras dependências; um pavilhão de internato para moças atrás do pavilhão central; um pavilhão de interligação entre os internatos e o pavilhão central com 176m de comprimento” (*Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19/10/1967, 2º caderno, p. 3).

Figura 17 – Prédio da Escola Normal Evangélica (ENE)



Fonte: Acervo do Instituto Ivoti.

As três escolas estudadas tiveram suas instalações em mais de um local, o que nos faz pensar sobre a “continuidade” de tais instituições, mesmo em outros espaços. Neste sentido, as escolas buscam uma localização

ideal que foi sendo forjada nos discursos da modernidade, tendo como um dos elementos que a escola ocupasse um território nuclear nos centros populacionais, mas que mantivesse espaços arejados e com boa comunicação com os lugares de onde vinham os alunos, “projetando seu exemplo e influência geral sobre toda a sociedade, como um edifício estrategicamente situado e dotado de uma inteligência invisível que informaria culturalmente o meio humano-social que o rodeia” (ESCOLANO BENITO, 1998, p. 33).

Nos três casos, as fotografias que trouxemos nos deixam ver prédios considerados “modernos”, vanguardistas à época de suas inaugurações, por trazerem elementos que os colocam como símbolos de novos tempos. Palavras como magnífico, majestoso, progressista ou arrojado são encontradas na literatura, associadas aos prédios das referidas instituições. Alguns destes adjetivos são corroborados pelas fotografias. As fotografias panorâmicas são mais difíceis de serem encontradas, mas quando as localizamos é possível verificar que os blocos de construção que compõem as escolas estão dispostos de modo que se fecham em si mesmos, aproximando-se de um retângulo ou da forma de U, de forma que se restringem as entradas e saídas das escolas, garantindo-se, assim, o controle da circulação das pessoas. São prédios para serem vistos, admirados e se destacam entre outras edificações das cidades – não necessariamente para serem conhecidos ou visitados, pois destinam-se aos poucos que podem frequentá-los.

Compunham o espaço das escolas normais: salas de aula, sala de museu e biblioteca, vestiário, refeitório, gabinete do professor ou diretor da escola, gabinete médico escolar, sanitário, jardim e pátio coberto. Dentre os espaços da escola, os que particularmente nos interessam são aqueles onde aconteciam as aulas de matemática.

Espaços onde se aprende e ensina matemática

Desde o final do século XIX, já existiam espaços diferenciados nas escolas, a exemplo dos museus de ciências naturais, constituídos por acervos compostos de coleções que contemplam espécimes de insetos, peixes, anfíbios, aves e répteis, dentre outros, e “guardam equipamentos científicos, mobiliário, recursos e materiais didáticos, livros didáticos e documentos institucionais, como relatórios e publicações” (WITT; POSSAMAI, 2016, p. 9). Por vezes, nestes espaços é possível identificar alguns materiais didáticos de

matemática, como o caso relatado em Dalcin (2008, p.112). Todavia, os objetos não deveriam ser manuseados e sim observados, pois tais espaços ancoravam-se na concepção de que a observação direta era uma fonte privilegiada de conhecimento. Tal ideia é problematizada pelos defensores do movimento escolanovista, que dão maior ênfase à ação e à experimentação.

Para Vidal (1994), o discurso do movimento escolanovista contrapunha-se ao ensino verbalista e afirmava

que a aprendizagem não ocorria por mera memorização de fatos e processos, mas pela compreensão mesma desses fatos e processos, que somente era possível pela visibilidade da experiência realizada em laboratório, pela excursão a locais históricos ou de interesse científico e pela observação da realidade circundante. Aprender a ver era o primeiro passo para aprender a amar sua região e, posteriormente, seu país. Base do nacionalismo. Assim se expressava Azevedo, integrando experiência, nacionalismo e tradição em uma fala que pretendia sintetizar os elementos fundantes da nova concepção educacional (VIDAL, 1994, p. 25).

Com influência das ideias escolanovistas foram criados no IEGFC, sob a direção de Florinda Tubino Sampaio, os laboratórios de química, física e história natural, nos quais os professores aplicavam o Método Experimental. O estudo de Beiser (1997) aponta que a criação dos laboratórios se deu provavelmente em 1941.

Os professores responsáveis pelo laboratório, nessa época, eram Ivondina Formel Farias Guimarães, Israel Berlim, Lenir Barcelos e Eivlys Mabilde Grant, que traz as seguintes recordações:
'Até então, as aulas eram expositivas. Houve uma renovação. Dona Florinda era uma pessoa evoluída, que lia muito. Os professores apresentaram o projeto e ela aprovou. Permitiu dividir as turmas pela metade. Nas aulas dadas nos laboratórios se fazia pesquisa e se usava o microscópio. Nunca uma aluna foi reprovada pelo Método Experimental. Todas se encantavam. Para pôr em prática o Método era preciso instalar os laboratórios' (BEISER, 1997, p. 84).

No entanto, observamos que o Laboratório de Matemática foi criado anos depois, em 1956, o que nos faz pensar sobre esta distância temporal. O estudo de Correia (2004) nos mostra que a preocupação com salas especializadas já está presente desde a Reforma Capanema, porém é nos anos 1950 que se intensificam as inquietações com os espaços escolares. Correia (2004) chama atenção para textos da época em que há menção a salas para o ensino de Desenho, salas para o estudo de Estatística Aplicada à Educação e salas ambientes e laboratórios de matemática, em diferentes institui-

ções escolares. Essa pluralidade de espaços em que saberes matemáticos circulavam pode ser um elemento interessante a ser investigado no campo da História da Educação Matemática.

No caso do IEAB, parece-nos que houve uma tentativa de criação de um laboratório de Matemática, sem sucesso. No entanto, é possível evidenciar, por meio das fotografias, que a prática de produção de materiais e recursos didáticos estava presente nas três instituições estudadas, independentemente da existência ou não de um laboratório de Matemática, como podemos perceber pela fotografia da Figura 18, sem data precisa.

Figura 18 – Sala de aula do IEAB



Fonte: Acervo IEEAB.

Na fotografia, identificamos sólidos geométricos, maquetes e bandeiras espalhados pelas mesas, o que parece ser uma exposição de trabalhos desenvolvidos pelos estudantes da instituição. A presença destes recursos nos leva a crer que a confecção e o uso de materiais didáticos eram práticas presentes na formação das/dos normalistas do IEAB.

A criação do Laboratório de Matemática no IEGFC vem sendo objeto de estudo, a exemplo de Dalcin (2016), Bonfada (2017) e Rheinheimer

(2018). Segundo as pesquisas até então realizadas, a professora Odila Barros Xavier foi protagonista nesse processo. Inicialmente, foi organizada e reservada uma sala com o propósito de armazenar os trabalhos de conclusão de curso das alunas do Curso de Administradores Escolares. Segundo a fala da professora Odila, em entrevista para a Revista do Ensino:

Havia uma turma do Curso de Administradores Escolares em 1951, uma turma viva e inquieta. As alunas eram muitas e eu não encontrava um meio de que todas se integrassem de fato no trabalho. Isto até descobrir que elas gostavam de fazer os materiais, estudar a fundamentação, a técnica e a aplicação. Assim, o laboratório surgiu com um trabalho feito pelas próprias alunas do curso de Supervisores, o qual foi doado e guardado, inicialmente, num lugar exíguo, até que conseguíssemos esta sala (GRENDENE, 1964, p. 7).

O Laboratório de Matemática foi se constituindo como um espaço de estudo, produção e aplicação de materiais e metodologias relacionadas ao ensino de Matemática, ao longo dos anos 1960 e 1970. Um espaço rico de experimentação e principalmente de formação de professores que ali se encontravam para estudar, planejar e que integravam o Círculo de Estudos de Matemática. A fotografia da Figura 19 nos possibilita uma visão panorâmica desse espaço.

Figura 19 – Laboratório de Matemática IEGFC, 1959



Fonte: Acervo pessoal de Sandra Maria Moussalle Grissolia, imagem reproduzida por Bonfada (2017).

A fotografia nos permite perceber que o Laboratório de Matemática está situado em uma sala ampla, com boa iluminação. Ao fundo há cinco armários de madeira com portas de vidro, pelas quais é possível ver livros e caixas. Sobre os armários, há materiais didáticos em exposição. A disposição das mesas e cadeiras sugere que a dinâmica principal é a do trabalho em grupos, a exemplo da atividade retratada, em que se identifica a professora Odila em posição central e professoras e ou normalistas ao seu redor. Elas parecem estar estudando um texto, fazendo anotações, discutindo. Na Revista do Ensino, na reportagem sobre o laboratório de matemática de 1964, outra fotografia muito parecida com esta foi localizada (Figura 20), porém, em vez de leitura, a atividade é de manuseio de materiais.

Figura 20 – Laboratório de Matemática, 1964



Em nossa visita ao Laboratório de Matemática, tivemos oportunidade de conhecer os mais diversos e atualizados materiais didáticos com que se trabalha modernamente. Na foto, a professora Odila Barros Xavier, ao centro, que organizou, dirige e marca com sua atuação este ambiente, apresenta-nos parte do material elaborado por ela, na busca de dar maiores meios à criança, no desenvolver de seu pensamento matemático. Ainda presentes as professoras Maria Lygia Borba dos Santos Chaves, da cadeira de Direção de Aprendizagem em Matemática, Marianina Freda, assistente de dona Odila e a estagiária Regina Rosito.

Fonte: Grendene (1964, p. 5).

Ambas as cenas retratadas têm a intencionalidade de dar visibilidade às práticas realizadas no Laboratório de Matemática. As fotografias, de certo modo, são um recurso de divulgação do espaço e do que nele se produz. A professora Odila está no centro, direcionando o olhar do observa-

dor, reproduzindo o que, nos parece, acontecia no cotidiano da escola; a centralidade, o protagonismo e a liderança da professora aparecem nas falas das normalistas e professoras da instituição que com ela conviveram.

O Laboratório de Matemática é mais do que um espaço, mas uma ideia e, neste sentido, segundo a professora Odila, “o laboratório circula dentro da escola, tendo as salas de aula como verdadeiras filiais, que já se transformaram em laboratórios também. O material é levado para lá e manipulado pelas crianças, em busca da autodescoberta” (GRENDENE, 1964, p. 7).

A fotografia da Figura 21 registra um desses momentos de itinerância do Laboratório de Matemática, porém com uma turma de normalistas. A normalista Vera Neusa Lopes, em depoimento para o trabalho de Rheinheimer (2018), identificou-se na fotografia: “Essa foto é da minha turma, 1952. Estou reconhecendo Dalva, Teresinha Leiria e Ivone Taroco, lá atrás; essa é a turma B do ano de 1952. É a minha sala de aula, não é o laboratório. Possivelmente era algum material que estávamos examinando ou produzindo” (LOPES, apud RHEINHEIMER, 2018, p. 124).

Figura 21 – Aula de Metodologia da Matemática no IEGFC, 195?



Tereza Coelho Clarh. Inge Maria Korts. Neusa Veit. Carmen Maria Dutra. Marisa Frast, Teresa Jara Palmirini. Lea Asmuz. Irene T. Ferreira Lopes, Profa. Odila Barros Xavier,

Fonte: Acervo da Associação dos Ex-alunos do IEGFC.

As normalistas aparecem organizadas em grupos de cinco ou seis moças; pela fotografia, não é possível verificar se há algum rapaz na turma. O quanto a cena registrada expressa o que acontece em sala de aula é difícil precisar, pois a situação, ser fotografado, o que já é algo externo, poderia influenciar as posturas e causar constrangimentos; no entanto, as normalistas parecem estar à vontade com a câmera. É possível perceber que existe uma dinâmica em que as normalistas articulam a atividade de manipulação de materiais, a escrita e a leitura. A dinâmica é orientada pela professora Odila, que aparece ao fundo, no grupo próximo à porta, e vai ao encontro das falas das normalistas que participaram da pesquisa de Bonfada (2017) e dos textos de Odila localizados no acervo do laboratório de matemática do IEGFC. Nesse sentido, Odila enfatiza: “o laboratório, como a palavra já diz, é o lugar onde se trabalha, para descobrir, conceituar, para generalizar e para estabelecer relações” (GRENDENE, 1964, p. 7). Estas e outras fotografias nos possibilitam imaginar o movimento dessas ideias por meio de cenas que nos permitem identificar alguns elementos deste processo acontecendo, por exemplo, quando se evidencia que existe uma interação entre as participantes dos grupos, que são fotografadas em momentos de diálogo e manipulação dos materiais, ou quando fazem seus registros nos cadernos a partir da observação e do manuseio dos objetos que estão sobre a mesa.

O uso de materiais nas disciplinas relacionadas ao ensinar e aprender matemática também está presente nas fotografias localizadas da ENE. Nessa escola, pelos indícios que temos até então, não houve um laboratório de matemática. A fotografia da Figura 22 registrou a aula de Didática da Matemática de 17 de agosto de 1966, ministrada pelo professor Valdir, como é possível supor pelo nome escrito no quadro negro, no canto superior direito.

Figura 22 – Aula de Didática da Matemática em 17 de agosto de 1966



Fonte: Acervo pessoal de Hermedo Wagner.

O espaço corresponde a uma sala de aula moderna, com mesas individuais, grande lousa, algumas alunas numa posição de participantes e outros alunos e alunas de ouvintes. Destaca-se, na fotografia, o grande ábac à frente da lousa, um relógio sob uma mesa e a lousa com a representação em giz de um quadro valor de lugar. Provavelmente, o tema da aula era o ensino do sistema decimal, e o professor estava indicando, com a mão, a posição das dezenas. A imagem comprova o uso de material didático, como o ábac e o relógio. Aparece, à esquerda do professor, outro objeto de tamanho grande, que parece ser um quadro (talvez um flanelógrafo). Sobre as mesas dos alunos veem-se muitos livros e cadernos.

As fotografias apresentadas nesta seção revelam momentos vividos em diferentes espaços do IEGFC, da ENE e do IEAB. Espaços pensados e construídos para atividades educativas e que são compreendidas como representações de um tempo; são fragmentos do local em que se realizaram atividades escolares, que contribuíram para o processo de socialização e produção de conhecimentos.

Considerações finais

As fotografias mostram não apenas a estrutura material que abrigou essas três instituições de formação de professores primários no Rio Grande do Sul, mas revelam que estas foram locais estáveis e que adquiriram uma identidade própria. Apresentam aspectos comuns: como uma arquitetura arrojada, salas de aulas, auditórios e espaços próprios para o ensino prático, como os laboratórios, mas também se diferenciam, como a ENE de Ivoti que possuía um regime de internato e, assim, necessitava de alojamento especial com dormitórios e refeitórios.

Como nos diz Escolano Benito (2017), entre os componentes da cultura escolar estão os espaços, os tempos, os atores, os materiais, os métodos. Os atores – docentes e discentes retratados nas fotografias – nos contam sobre a vida de normalista, seus uniformes, os dias festivos, os espaços escolares, os hábitos, os esportes praticados, as excursões e passeios, enfim, elementos que integravam a cultura escolar. Neste sentido, as fotografias constituem-se como testemunhas oculares que condensam, em uma cena estática, uma sequência de gestos de corpos em movimento, que interagem em um dado contexto. Cabe, ao leitor da fotografia, capturar a cena e analisá-la no seu contexto, mobilizando ferramentas contemporâneas e dialogando com costumes, tradições da época da produção da imagem, buscando conexões com outras fontes, de modo a produzir uma narrativa.

Esta foi a narrativa produzida a partir das fotografias encontradas e selecionadas, uma narrativa incompleta e inacabada, pois é possível dar continuidade, tecer novos fios, buscar outras fontes e trilhar por outros caminhos interpretativos. No entanto, esta narrativa é única, assim como as experiências compartilhadas ao longo da produção deste texto.

Referências

- AMARAL, Giana L.; AMARAL, Gladys L. (orgs.). *Instituto Estadual de Educação Assis Brasil: entre a memória e a história (1929-2006)*. Pelotas: Seiva, 2007.
- AMARAL, Giana L.; SILVA, Daiani S. A Escola Complementar de Pelotas e seu impresso estudantil “Complementarista”. In: AMARAL, Giana L.; AMARAL, Gladys L. (orgs.). *Instituto Estadual de Educação Assis Brasil: entre a memória e a história (1929-2006)*. Pelotas: Seiva, 2007. p. 19-24.

BEISER, Ana Cristina P. *Educação e Educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2481>>. Acesso em: 30 out. 2019.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Desfiles patrióticos: Memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana G. (org.). *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 299-321.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BONFADA, Elisete M. *A matemática na formação das professoras normalistas: o Instituto de Educação General Flores da Cunha em tempos de matemática moderna*. Dissertação de mestrado (Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180932>>. Acesso em: 30 out. 2019.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: A história que não se conta*. Campinas: Papirus, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CORREIA, Ana Paula P. *História e arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943-1953)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

DALCIN, Andreia. *Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DALCIN, Andréia. Entre Documentos Memórias e Pó: o processo de revitalização de um laboratório de matemática. In: COSTELLA, Roselane Z.; HOFSTATTER, Andrea; STURM, Ingrid N.; UBERTI, Luciane (orgs.). *Percursos da Prática em Sala de Aula*. São Leopoldo: Oikos, 2016. v. 1, p. 44-55.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Arquitetura como programa: Espaço, escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. *Curri-*

culo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ESCOLANO BENITO, Agustín. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Editora Alínea, 2017.

GRENDENE, Maria Aparecida. O Laboratório de Matemática do Instituto de Educação “General Flôres da Cunha”: na palavra de sua criadora e responsável professora Odila Barros Xavier. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v. 13, n. 99, p. 6-8 e 76, 1964.

HEIDT, Makele V. *Matemática Moderna no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (1964-1979)*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4582>>. Acesso em: 30 set. 2019.

LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LOURO, Guacira L. *Prendas e antiprendas: Uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jsui/handle/REPOSIP/252830>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

NOVA ESCOLA NORMAL EM IVOTI. Diário de Notícias, Porto Alegre, 19 out. 1967, 2º caderno, p. 3.

RHEINHEIMER, Juliana M. *Ensinar e aprender Matemática, ressonâncias da Escola Nova: um olhar sobre a formação de professores no Instituto de Educação General Flores da Cunha (1940-1955)*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179446>>. Acesso em: 30 out. 2019.

SAMAIN, Etienne. Modalidades do olhar fotográfico. In: ACHUTTI, Luís Eduardo (org.) *Ensaio (sobre o) fotográfico*. Porto Alegre: Editorial, 1998, p. 109-111.

SILVA, Sara R. *A formação de professores no Instituto de Educação General Flores da Cunha: o Curso de Didática da Matemática Moderna na Escola Primária (1966-1972)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVEIRA, Antônio Carlos P. *Referência, mídia e projeto: compreendendo a estética da arquitetura protomodernista em Pelotas-RS*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SOARES, Quelen O. Eva Lemos Moura: a primeira aluna negra da Escola Complementar de Pelotas. In: AMARAL, Giana L.; AMARAL, Gladys L. (orgs.). *Instituto Estadual de Educação Assis Brasil: entre a memória e a história (1929-2006)*. Pelotas: Seiva, 2007. p. 53-55.

TAMBARA, Elomar A. C. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-riograndense de instrução pública no século XIX. *História da Educação* (Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação), Pelotas, n. 3, p. 35-58, abr. 1998.

TEIXEIRA, Tânia N. A. *Memórias das práticas escolares de Educação Física no curso de Magistério do Instituto de Educação Assis Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

VIDAL, Diana G. Cinema, laboratórios, ciências físicas e Escola Nova. *Cadernos de Pesquisa*, n. 89, p. 24-28, maio 1994.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-47.

WERLE, Flávia O. C. Feminização do magistério como estratégia de expansão da instrução pública. *Educação Pública*, Cuiabá, v. 5, n. 7, p. 187-200, jan./jun. 1996.

WITT, Nara B.; POSSAMAI, Zita R. Ensino e Memória: os museus em espaço escolar. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 29, n. 44, p. 7-15, 2016.